

O eixo deslizante: A evolução das relações sino-argentinas e seu efeito na hegemonia americana no hemisfério ocidental

CAPITÃO JEREMY M. COOK, FORÇA AÉREA DOS EUA (USAF)

Com um quinto da área total do mundo e quase um terço da população mundial, a China e a América Latina e as Caraíbas são forças cruciais para a paz e a estabilidade mundiais.

- President Xi Jinping¹

Houve um aumento acentuado no interesse e na ação do governo da China na América Latina nas últimas quatro décadas. Desde a introdução da Política de Portas Abertas da China e o fim do seu isolacionismo político na década de 1970, a República Popular da China (RPC) espalhou-se rapidamente pela comunidade internacional, exercendo um grau muitas vezes alarmante de *Soft Power*.² Enquanto o *Hard Power* procura se expressar por meio do poder militar, da coerção ou da ruína financeira forçada, o *Soft Power* tenta conquistar os corações e mentes da população e assume uma abordagem mais popular e persuasiva com a intenção de fomentar uma agenda compartilhada – de integrar em vez de forçar.³ No caso da RPC e da América Latina, isso geralmente se manifesta com uma infusão de capital chinês para efetivamente comprar o apoio dos estados latinos. Impulsionada pelo imenso crescimento de capital, avanço tecnológico e distribuição de informações, a capacidade da RPC de influenciar a estrutura econômica global e, assim, projetar seu *soft power* na região, cresceu substancialmente na última década e é formidável demais para ser ignorada.⁴ Por menosprezar esta crescente participação da RPC neste período, seja intencional ou por negligência, os Estados Unidos (EUA) e seus aliados permitiram um poderoso acúmulo de poder que atingiu um súbito ponto de inflexão que pode ser incapaz de parar ou reverter.

Assim como os portugueses fizeram na sua colonização do Oceano Índico durante a Era dos Descobrimentos, os chineses adotaram linhas econômicas semelhantes de esforço para exercer seu domínio sobre regiões do mundo. É tocante notar que esta forma de império informal está ligada e prospera sob técnicas de *soft power*. Ao contrário de Portugal, no entanto, a RPC está no auge da concorrência econômica e tecnológica. Assim, é improvável que a RPC seja superada nesta fase e não está limitada pelas questões logísticas que atormentavam as

potências imperiais pré-globalizadas. Como tal, a RPC fomentou o que equivale a um império comercial moderno e sustentável, no qual, sem a necessidade de disparar um único tiro fora de sua alegada região territorial, conquistou de fato e – onde as obrigações contratuais foram invocadas – controle de jure sobre vastas áreas do mundo e, portanto, podem exercer sua vontade e agenda. A expansão da base econômica da RPC não parece estar diminuindo tão cedo na América Latina. A Argentina tornou-se um alvo fundamental para a ampliação da esfera de influência da RPC e representa o precipício no qual a região se equilibra, afastando-se dos EUA e de seus interesses. A integração e o domínio chinês nos reinos econômico e político da Argentina ameaçam mudar o equilíbrio de poder na América Latina, conceder à RPC influência hegemônica no Hemisfério Ocidental e banir as relações com os EUA na região.

O crescimento econômico sustentado da RPC nas últimas quatro décadas e a sua ascensão meteórica como uma das principais potências econômicas do mundo ameaçam prejudicar as economias dos estados latino-americanos que não dispunham de mão de obra nem de mercados em expansão necessários para acompanhar o ritmo da RPC.⁵ O que originalmente parecia ser uma revolução forçada pelo exterior, em que mercados tentaram se reestruturar para permanecerem competitivos no início dos anos 2010, evoluiu para uma subjugação total dos mercados latinos pelos chineses. A RPC depende do estrangeiro para obter matéria-prima e energia, muitos dos quais são importados de estados latino-americanos, para alimentar sua máquina econômica industrial.⁶ Além disso, devido às vastas áreas de terra não arável dentro da China, desde o deserto de Gobi às montanhas Himalaias, a RPC depende de outros países agrícolas para sua segurança alimentar, com a destaque para a Argentina como país exportador de produtos agrícolas. Compreendendo a sua insegurança alimentar e de recursos, a RPC tomou medidas para garantir o acesso permanente a estes ativos.

Sem dúvida, isso deveria ter colocado os mercados latino-americanos em uma posição de negociação mais vantajosa. No entanto, produtos não diferenciados, como os produtos agrícolas e, especificamente, os cereais, estão disponíveis em outras regiões onde a RPC está economicamente envolvida, isto é, os países africanos. A Argentina já havia aprendido a lição de tentar forçar essas vendas de commodities a taxas internacionais insustentáveis nos anos após à Segunda Guerra Mundial, quando o presidente Juan Domingo Perón instituiu seu primeiro Plano Quinquenal.⁷ Entre 1948 e 1952, a Argentina entrou em uma crise econômica que foi exemplificada por uma redução de cinquenta por cento na capacidade de importação (fundos disponíveis por ano para importação e exportação sem intervenção ou manipulação do governo); essencialmente, uma métrica da precariedade da máquina econômica da Argentina.⁸ A irresponsabilidade fiscal do governo de

Perón, durante seus três mandatos, lançou longas sombras que os economistas argentinos não esqueceriam tão cedo. Em vez de sucumbir à insignificância econômica, muitos estados adotaram acordos comerciais e parcerias com a RPC, efetivamente permitindo a manipulação chinesa do outro lado do Pacífico e perdendo grande parte do poder de barganha implícito em ter um excedente de exportações. Como tal, a RPC criou uma interdependência pecuniária de muitos estados da América Latina, em que a exportação para a China impulsiona as suas economias e uma possível retirada de fundos chineses poderia levar ao colapso. Embora isso implique uma relação parasitária, as economias desses estados latinos foram geralmente reforçadas até certo ponto devido à interação com a China.⁹ No entanto, é importante observar que isso se traduziu em um crescimento da infraestrutura e processos da economia, e que muito do comércio entre a China e a América Latina é caracterizada por déficits comerciais com impacto negativo no mercado latino.¹⁰

A Argentina continua sendo um dos últimos países da América Latina a não estar totalmente interligado com a máquina econômica da China, com o comércio chinês representando apenas 14% do comércio anual total da Argentina em 2019.¹¹ No entanto, isso não continuará por muito tempo, já que a RPC está ativamente cortejando a Argentina para se tornar um importante parceiro comercial. Como um dos países homônimos do ABC da América Latina – Argentina, Brasil e Chile – conhecido por sua forte projeção de poder econômico e político, a Argentina é um desejado prêmio da RPC. Para enfatizar a importância desses países, a Argentina ficou em terceiro lugar no Produto Interno Bruto em 2021, com o Brasil em primeiro e o Chile em quarto, e como a segunda potência militar mais forte, depois do Brasil, em 2022.¹² Tanto o Brasil como a Argentina possuem território substancial, e todos os três países têm exportações e recursos valiosos que interessam à RPC. Além disso, antes do advento da Organização dos Estados Americanos (OEA) após a Segunda Guerra Mundial, os EUA frequentemente conduziam ações de relações internacionais através desses três países, como evidenciado pela conferência conjunta de mediação da Guerra Equador-Peru, em 1942, demonstrando assim sua importância em um palco hemisférico, se não global.¹³ Argentina, Brasil e Chile também foram os promotores do Tratado Interamericano de Assistência Recíproca de 1947, o Tratado do Rio, que foi o precursor e incentivo para a fundação da OEA, exemplificando sua saliência política na região.¹⁴ Assim, é vantajoso para a RPC assegurar relações integradas com esses três países, todos com uma longa história de laços econômicos e políticos com os EUA. Enquanto os EUA costumavam ser um parceiro comercial mais proeminente do que a RPC com os países do ABC, economicamente, os chineses ultrapassaram os EUA, começando com o Chile em 2007, o Brasil em 2009 e a Argentina em 2013.¹⁵ Considerando as táticas de *soft power* da RPC, isso os predispõe a uma

posição mais elevada de influência na região – provavelmente às custas dos EUA, especialmente porque a RPC não parou e aparentemente não vai parar de injetar dinheiro e capital de investimento na América Latina.

Atualmente, a RPC é o parceiro comercial número um do Chile, representando 34% do comércio total, tornando os dois países inextricavelmente ligados, enquanto para o Brasil, membro do Bloco Econômico Brasil, Rússia, Índia, China, África do Sul (BRICS — uma organização econômica internacional multilateral), a RPC representa 28% de seu comércio total.¹⁶ Desde setembro de 2022, a Argentina oficializou sua proposta de entrada no BRICS, algo que criará um vínculo contratual entre o estado e a RPC.¹⁷ A percepção chinesa do direito contratual, no que diz respeito às relações internacionais, é que todas as partes são membros iguais e igualmente obrigadas às ramificações legais das decisões multilaterais.¹⁸ Em outras palavras, a RPC espera que as decisões acordadas pelos BRICS sejam vinculativas e cumpridas por todos os membros. Assim, se a RPC, a maior força econômica dentro do BRICS, puder impor políticas favoráveis à China, a expectativa seria de que todos os outros estados membros cumpram essas decisões. Com os três estados influentes do ABC formalmente vinculados à economia chinesa, a hegemonia da RPC na região será muito mais segura e muito mais propensa a interromper e bloquear a influência dos EUA na América Latina. Assim, a Argentina representa o alicerce para o domínio econômico e o alicerce da RPC na América Latina.

Os responsáveis políticos e líderes seniores dos EUA, tanto políticos como militares, concentraram intensamente os seus esforços em outras regiões do mundo nos últimos vinte anos, a saber, o sudoeste da Ásia. À medida que a RPC expande e aumenta a sua militarização enquanto os conflitos no Oriente Médio diminuem, a Estratégia de Defesa Nacional (NDS), divulgada em março de 2022, pediu explicitamente uma mudança de foco para o Indo-Pacífico como o principal e dominante teatro de preocupação para conflitos futuros, com a RPC sendo uma ameaça substancial.¹⁹ É importante reconhecer que o NDS de 2022 não foi a primeira vez que esta transição para o Indo-Pacífico foi solicitada, com o NDS de 2012 referindo-se a uma “necessidade [de] reequilibrar em direção à região da Ásia-Pacífico” e o NDS de 2018 reconhecendo diretamente a necessidade de “impedir a agressão [da RPC] no... Indo-Pacífico” e promover um “Indo-Pacífico livre e aberto”, enquanto ainda se concentra em outras regiões do mundo.²⁰ Assim, os últimos dez anos demonstram que os EUA têm sido lentos em agir para concentrar os seus esforços na RPC e no Indo-Pacífico, colocando-os bem atrás da curva de poder para possíveis futuros conflitos.

A Estratégia de Segurança Nacional (NSS) de 2022, lançada em outubro, reconhece ainda que a RPC tem vontade e meios para remodelar o Indo-Pacífico

em um esforço para expandir a sua esfera de influência; alavancando-a para se tornar a principal potência mundial.²¹ No entanto, a natureza insidiosa da influência da China na América Latina não pode ser negligenciada, especialmente com sua proximidade com os EUA. A aproximação, especificamente entre a RPC e a Argentina, são significativos e perturbadores, com a estratégia americana ficando atrás de sua ameaça de ritmo designada. Este artigo demonstra quão grave pode ser a ameaça da RPC ao estabelecer uma base duradoura na América Latina e como é perigoso para os EUA continuar permitindo que essas ações ocorram sem oposição.

Origens e simpatias: Experiências compartilhadas, política e fundos entre a RPC e a Argentina

Si usted fuera argentino, sería peronista (Se você fosse argentino, seria peronista).

-Presidente Alberto Fernández para o President Xi Jinping²²

É importante reconhecer que o presidente Fernández da Argentina declarou abertamente que o presidente Xi seria peronista se fosse argentino. O peronismo é um aspecto ambíguo, mas pungente, da identidade política argentina que remonta às maquinações políticas de Juan Domingo Perón, que foi presidente da Argentina de 1946 a 1955, quando foi deposto e exilado, e novamente de 1973 até sua morte em 1974. Originalmente um movimento populista que sintetizava aspectos do capitalismo individualista e do socialismo coletivista, bem como integrava aspectos da autocracia e dos movimentos da classe trabalhadora, o peronismo evoluiu fortemente desde a morte de Perón; tanto que cientistas políticos e historiadores têm dificuldade em encapsular e classificar o peronismo moderno no espectro político.²³ No entanto, como o peronismo é e tem sido o sistema político dominante na Argentina, de uma forma ou de outra, há mais de setenta anos, este comentário do presidente Fernández ao presidente Xi não deve ser ignorado e deve irritar líderes militares e políticos dentro dos EUA. Também é digno de nota e demonstrativo de sua estreita relação que o presidente Fernández foi um dos primeiros líderes globais a parabenizar publicamente o presidente Xi por sua reeleição em outubro de 2022 para um terceiro mandato sem precedentes como presidente da RPC.²⁴ Afirmar que o presidente Xi seria um peronista, embora na verdade seja mais ambíguo do que o presidente Fernández pretendia, cria um fraternalismo entre os dois estados que vincula o poder da RPC aos preceitos políticos mais profundamente enraizados da Argentina, e deve ser levado a sério.

O peronismo, tanto como termo quanto como filiação partidária, mudou significativamente na Argentina desde a sua criação nas décadas de 1940 e 50. Embora

originalmente representasse o movimento justicialista de Perón e tivesse uma base ideológica definida, o termo peronismo é agora aplicado a todos os aspetos do espectro político com uma ideologia turva.²⁵ Embora a Argentina, ao contrário da RPC, não seja atualmente um estado de partido único, a maioria dos partidos existentes, independentemente da posição de esquerda ou direita no espectro político, afirmam ser peronistas em sua nomenclatura ou filiação. Isso significa que, se um cidadão votar de forma conservadora ou liberal, provavelmente estará votando em um candidato “peronista”, independentemente do partido. As ideologias do peronismo descentralizaram-se, mas a ideia de Perón e do peronismo continua a gerar votos, com nostalgia, sentimentalismo e sentimentos que levam ao sucesso eleitoral em vez de plataformas e legislação.²⁶ Portanto, políticos de todos os tipos usam o nome peronista para garantir a eleição e manter o cargo. O peronismo e Perón são inextricavelmente argentinos e tornaram-se uma das principais identidades modernas dentro da comunidade internacional.

A empatia e o estabelecimento de sentimentos semelhantes neste nível entre a Argentina e a RPC apenas expõem ainda mais a Argentina à influência da RPC, ao mesmo tempo em que desconecta ainda mais a influência dos EUA. A visita de estado de Fernández à RPC em fevereiro de 2022 demonstrou uma relação fraterna e cordial entre os líderes da RPC e da Argentina, bem como uma compreensão compartilhada do estado e dos objetivos de cada um. Nessa visita, o presidente Fernández agradeceu a RPC por sua ajuda durante a pandemia do coronavírus e prometeu mais interação econômica, declarando um compromisso contínuo com a Iniciativa do Cinturão e Rota (BRI) e solicitando oficialmente a consideração da entrada da Argentina no BRICS.²⁷ Talvez o mais preocupante seja que o presidente Xi insinuou fortemente uma conexão e semelhança entre o Partido Comunista Chinês (PCC) e o governo peronista/justicialista da Argentina.²⁸ Essas visitas de estado e comunicados oficiais permitem compreender as relações entre estes dois estados e são úteis para prever o impacto das futuras relações bilaterais entre eles. A triste realidade é que quanto mais a Argentina se aproximar da RPC, mais influência a RPC terá na região. Ainda não se sabe se isso afetará ou não as relações EUA-Argentina, seja com ações negativas ou simplesmente um arrefecimento das relações. No entanto, a remoção dos atuais acordos comerciais bilaterais existentes entre os EUA e a Argentina, que foram renovados ao longo da última década, seriam um alvo provável para a RPC, seja por meio da eliminação da proteção dos acordos de livre comércio (voltados contra os EUA), elevadas tarifas de proteção ou simplesmente superar os EUA em licitações e investimento.²⁹

O governo da RPC não representa o verdadeiro comunismo e a discussão está em aberto se em algum momento representou. Embora defenda oficialmente uma iteração da ideologia marxista-leninista, para todos os efeitos práticos a

RPC é um estado autocrático de partido único, no qual o partido controlador não observa os objetivos do comunismo e, em vez disso, utiliza uma síntese do capitalismo autoritário combinado com o nacionalismo militante.³⁰ O ponto principal é que o PCC existe para manter o controle sobre o povo e o estado. Como tal, na sua forma moderna, o PCC evoluiu para uma autocracia burocrática mais simples. Isso está alinhado com a Argentina, que não é mais verdadeiramente peronista. Com toda a franqueza, o peronismo e seu progenitor, o justicialismo, sempre foram, na sua essência, um sistema concebido para manter o controle governamental por meio do aplacamento e apaziguamento da população. A popularidade, em vez de responsabilidade fiscal, idealismo ou política externa eficaz, tem sido usada como o principal meio de manter o controle sobre o governo, ou seja, o populismo.

Nesse sentido, a RPC é popular entre os estados populistas da América Latina, pois suas origens revolucionárias “comunistas” lhe conferem uma posição histórica como “líder do mundo em desenvolvimento” e defensor do povo trabalhador.³¹ Como Perón encontrou seu sucesso original com os *descamisados* das classes baixas e trabalhadoras, segue-se logicamente que a Argentina, alimentada pela nostalgia dos anos Perón, encontraria semelhança e empatia por estados que defendem, independentemente de suas ações, apoio ao trabalhador.³² Desde seu exílio na Espanha, Perón simpatizou publicamente com a revolução chinesa e o governo maoísta, provavelmente afetando o apoio público a esses movimentos chineses mesmo quando estava ausente.³³ Quando Perón voltou para a Argentina e reclamou a presidência em 1973, ele estabeleceu relações comerciais bilaterais e estendeu aberturas políticas com a RPC, enquanto procurava estabelecer relações mais amigáveis com estados socialistas globais.³⁴ O apoio popular argentino à RPC também foi gerado durante as décadas de 1960 e 1970, quando os chineses apoiaram a reivindicação das Ilhas Malvinas pela Argentina na Assembleia Geral das Nações Unidas.³⁵

O estado peronista originalmente buscava maximizar os recursos e a produção, não com fins lucrativos, mas em benefício de “todos os habitantes da [Argentina]”, por meio da orientação do governo.³⁶ Isso era muito parecido com o desejo declarado pelo PCC, em seu comunicado de imprensa centenário, de “[desenvolver] as forças produtivas para atender às expectativas do povo por uma vida melhor”.³⁷ Além disso, os princípios fundamentais defendidos por Perón, isto é, o anti-imperialismo, o nacionalismo populista e os direitos dos trabalhadores, entre outros, se alinham um pouco com os da RPC, como um estado autocrático dedicado à segurança nacional não imperialista, com forte nacionalismo militante e uma classe trabalhadora socialista. Ao examinar a crescente relação entre a RPC e a

Argentina, é necessário analisar as origens históricas e políticas que permitem um entendimento mútuo dentro do *zeitgeist* atual.

Embora os efeitos políticos do sistema peronista não devam ser ignorados nas ligações que viabilizam para a RPC, seria imprudente não examinar o efeito do peronismo na situação econômica da Argentina. Muitos economistas argumentam que a irresponsabilidade fiscal de Perón como presidente encobriu a Argentina com uma sombra que persiste em sua economia moderna.³⁸ Entre 1950 e 1980, este desgoverno manifestou-se com 12 anos de recessão devido a um crescimento negativo do produto interno bruto e três anos em que o crescimento positivo do produto interno bruto não ultrapassou as taxas de crescimento da população.³⁹ Embora a economia da Argentina tenha experimentado um ressurgimento na década de 1990 e início dos anos 2000, os danos dessas três décadas ainda eram aparentes. Em 2022, economistas previram que a Argentina corria o risco de ultrapassar 60% de inflação até o final de 2022.⁴⁰ Na realidade, 2023 superou essas previsões, com a taxa de inflação superando 100%.⁴¹ Dessa forma, a irresponsabilidade fiscal peronista criou uma vulnerabilidade para a Argentina aos empréstimos e laços econômicos chineses que a RPC tem sido mais do que feliz em explorar através de investimentos. Este é apenas mais um exemplo da execução chinesa da diplomacia do dólar, em que a sua infusão de fundos de investimento angariou diretamente capital político.

Entre 2005 e 2021, a Argentina recebeu um influxo de mais de dezessete bilhões de dólares de fundos de investimento chineses, canalizados tanto do Banco de Desenvolvimento da China quanto do Banco de Importação e Exportação da China.⁴² Além disso, demonstrando um aumento maciço de fundos dedicados, o acordo BRI que a Argentina assinou em fevereiro de 2022 obrigou cerca de vinte e quatro bilhões de dólares de fundos chineses para financiamento e investimento nos próximos cinco anos, representando um aumento anual de mais de quatro vezes no financiamento.⁴³ A RPC também está superando significativamente os EUA em capital total negociado com a Argentina, com a RPC importando mais de treze bilhões de dólares e exportando seis bilhões de dólares em 2021, em comparação com os seis bilhões de dólares dos EUA em importações e cinco bilhões de dólares em exportações.⁴⁴ Isso representa um aumento linear positivo no comércio geral da RPC com a Argentina na última década, excluindo o declínio do mercado devido à COVID-19 em 2019 e 2020.⁴⁵ Este aumento dos investimentos e do comércio é proporcional ao maior foco que a RPC tem colocado na América Latina na última década, e é revelador para os planos futuros para a região e a Argentina.

A Argentina ficando cada vez mais investida na BRI da RPC concede à RPC mais agência para aprofundar a interdependência sino-argentina e a interconecti-

vidade econômica, ajudando assim a garantir matérias-primas e alimentos. É provável que as novas infusões de capital e a integração econômica com ativos da RPC eliminarão o apoio de outras entidades, como os EUA ou o Fundo Monetário Internacional (FMI), cujos empréstimos vêm com, na superfície, condições e regulamentos mais rigorosos.⁴⁶ A atual administração argentina manifestou claramente o desejo de se divorciar dos empréstimos do FMI, vendo os fundos da RPC como um meio para alcançar isso.⁴⁷ Estes sentimentos só são exacerbados pela dívida de mais de quarenta e cinco bilhões de dólares ao FMI, desde o início de 2022.⁴⁸ A combinação de inflação galopante, discordância econômica e fundos de auxílio da RPC facilmente obtidos concedem à RPC uma posição desejável para conquistar e influenciar a Argentina.

Domínio do ABC: A Argentina como o eixo da hegemonia chinesa

A República Popular da China abriga a intenção e, cada vez mais, a capacidade de remodelar a ordem internacional em favor de uma que tende a seu favor, mesmo que os EUA continuem empenhados em administrar a competição entre nossos países com responsabilidade.

- A Casa Branca, 2022 NSS⁴⁹

A RPC vê a Argentina como um aliado desejável, uma vez que representa um importante dominó geopolítico para o resto da região latino-americana. Assim, a RPC está concentrando grande parte de seus esforços na América Latina na Argentina, a fim de eventualmente influenciar toda a região e, dessa forma, se posicionar com a hegemonia regional. Entre outros esforços, a RPC tem feito uso do status da Argentina na América Latina para fazer lobby nas agências internacionais, impactar a política externa e influenciar questões econômicas e sociais. A RPC obteve uma grande vitória quando a Argentina voltou a se dedicar à BRI em fevereiro de 2022, pois isso assegurou o envolvimento direto contínuo da RPC. Com os pedidos da Argentina para aderir ao bloco econômico dos BRICS, a RPC estabeleceu uma vantagem tangível no crescimento das relações sino-argentinas e, portanto, na influência latino-americana.

A RPC tem atuado para estar presente em organizações internacionais da América Latina, obtendo status de observador na OEA.⁵⁰ Embora seja apenas um observador, a RPC faz um esforço para ser um membro ativo da OEA e, assim, influenciar e pressionar a política da região.⁵¹ De acordo com o Departamento de Relações Externas e Institucionais da OEA, a condição de observador concede vários benefícios únicos e dignos de nota, incluindo uma perspectiva das necessidades dos países (ou seja, suas possíveis vulnerabilidades, bem como “envolvimento

direto e visibilidade [com] os 34 Estados-membros”, um fórum para o lobby, e facilita a cooperação para observadores sem uma “presença no... o Hemisfério Ocidental”, concedendo assim uma base política legalmente protegida.⁵² A Argentina é uma voz importante dentro da OEA, e ter a proximidade e o acesso que as sanções do status de observador concedem, proporciona à RPC uma ferramenta útil para afetar a influência chinesa.

A RPC tomou medidas não só para criar tratados e acordos bilaterais com estados como a Argentina, mas também fez esforços para influenciar a ordem global. Este comportamento é condizente com um estado que deseja ser uma superpotência dominante, uma vez que a RPC continua a inserir-se nas agências e discussões internacionais, independentemente da proveniência ou lógica do seu envolvimento. Um grande exemplo desse comportamento é a China afirmar ser um “Estado Ártico” ou “estado próximo ao ártico” e seus planos para estabelecer uma Rota da Seda do Ártico, apesar de não ter território fronteiriço no Oceano ou Círculo Ártico.⁵³

Além de estar envolvida em agências internacionais, a RPC também está influenciando a política externa latino-americana através de sua ação e inserção na região. A Argentina, assim como o Brasil e o Chile, reconhece a soberania chinesa sobre Taiwan.⁵⁴ Ou seja, a Argentina reconhece o conceito de integridade territorial da RPC e a “Política de Uma China”, na qual Taiwan é visto como uma província chinesa desonesta, em vez de um estado soberano. A posição da Argentina é colorida por sua experiência durante a Guerra das Malvinas, vendo muito da mesma relação entre os argumentos da soberania China-Taiwan e Argentina-Malvinas.⁵⁵ Neste caso, os EUA estão em desvantagem, uma vez que as relações entre os EUA e a Argentina ficaram tensas pelo apoio dos EUA ao Reino Unido na questão das Ilhas Falklands (Malvinas), e o fornecimento de material de apoio pelos EUA ao esforço de guerra britânico.⁵⁶ É importante notar que a questão da soberania das Ilhas Malvinas ainda é atual, e foi discutida recentemente na Sessão Ordinária da OEA em novembro de 2021. Nesta sessão, foi adotada uma declaração afirmando que a questão da soberania era uma “questão de permanente preocupação hemisférica”, na linha da descolonização global, e que a OEA deve “continuar a examinar a questão das Ilhas Malvinas (...) até se chegar a um acordo definitivo.”⁵⁷ Isso também demonstra que a relação entre o Reino Unido e a Argentina ainda sofre com alguma discórdia.

A RPC emitiu uma declaração pública em fevereiro de 2022, manifestamente no mesmo dia em que a Argentina aderiu oficialmente à BRI, afirmando que apoiava a reivindicação da Argentina de plena soberania sobre as Ilhas Malvinas, que foi rapidamente denunciada pelo Reino Unido.⁵⁸ Desde o início, parece que esta é a reprovação da RPC aos sentimentos existentes relacionados à Doutrina

Monroe, já que em sua essência a RPC está se integrando às questões e políticas do Hemisfério Ocidental e usurpando o poder que era tradicionalmente exercido pelos EUA. Esta integração e transformação numa hegemonia de fato no Hemisfério Ocidental é um apelo à comunidade internacional, servindo para anunciar que o governo chinês tem a influência e o poder para agir na região, independentemente da censura ou apoio internacional; não é uma situação ideal no quintal dos EUA.

A continuação da questão das Ilhas Malvinas até os dias de hoje, e o apoio da RPC às reivindicações de soberania argentinas, quase garante que o governo argentino apoiaria a RPC em caso de um conflito com Taiwan. Embora os EUA não apoiem atualmente qualquer ação que usurpe o atual status quo da estrutura “Uma China, Dois Sistemas”, o paralelismo histórico é notável e prejudica a posição dos EUA ao negociar com a Argentina. De fato, a grande maioria dos estados latino-americanos, 25 de 33, reconhece a reivindicação chinesa sobre Taiwan.⁵⁹ É difícil saber como o apoio da Argentina se manifestaria no caso de um conflito ativo em relação à soberania taiwanesa, seja através de apoio financeiro ou militar ou denunciando publicamente os EUA. No entanto, é provável que sua posição influencie outros estados da região; não porque a América Latina seja um monólito, mas pela força histórica e pela voz que a Argentina projeta na região, especialmente se o Brasil e o Chile façam o mesmo. Isso enfatiza ainda mais o benefício que assegurar a Argentina, seja diplomaticamente, militarmente ou economicamente, representa para a RPC e porque os EUA deveriam tomar medidas para prevenir ou mitigar as alianças sino-argentinas.

Buscar se juntar aos BRICS e rededicar a Argentina ao BRI terá efeitos econômicos de longo alcance no resto da América Latina. Um exemplo disso será na indústria pesqueira. O afundamento de barcos de pesca ilegais pela Argentina, especificamente das frotas de pesca da China, tem sido a prática desde 2016 dentro da zona econômica exclusiva (ZEE) nas suas águas territoriais.⁶⁰ Com mais de três mil milhas náuticas de costa pescável e uma pesca abundante, a ZEE da Argentina é um ativo valioso para a América Latina, e até agora a Argentina protegeu este recurso servindo como seu guardião informal. No entanto, com um investimento mais profundo na BRI e a integração nos BRICS, é provável que o que antes era visto como pesca ilegal passe a ser tolerado, e provavelmente afetando os estados vizinhos. É provável que também haja efeitos secundários se a Argentina parar de policiar a pesca ilegal, como a captura não sustentável, que pode levar ao colapso de uma ou mais pescarias. Sendo a pesca a ocupação mais comum na América Latina e sendo o peixe uma valiosa fonte de alimento para numerosos países, a possibilidade de perturbar a pesca pode ter efeitos duradouros e perigosos na região.⁶¹ Muitos estados latino-americanos também se beneficiam

financeiramente da exportação de peixe e alimentos marinhos para a RPC. Se a RPC aumentasse sua pesca “doméstica” na região, aproveitando suas práticas econômicas extrativistas e eliminando o intermediário, isso poderia forçar os estados latino-americanos a se tornarem mais dependentes da RPC, pois o capital que esses recursos representavam evaporaria do sistema econômico da região.⁶²

Socialmente, outro aspecto que deve ser considerado é a crescente população de expatriados chineses que agora vivem na Argentina. Embora esse número tenha girado em torno de duzentos mil em 2018, houve um fluxo constante de novos cidadãos chineses emigrando para a Argentina desde a década de 1990, com um grande aumento após a adição da Argentina à lista de “Status de Destino Aprovado” da RPC para destinos turísticos.⁶³ Os expatriados chineses na América Latina são mais do que a quantidade combinada que vive na Europa, África e Oceania.⁶⁴ Sua população constitui o quarto maior grupo demográfico de imigrantes na Argentina, e o maior grupo não latino-americano de imigrantes.⁶⁵ Uma população crescente de chineses nativos dentro das fronteiras da Argentina, bem como de outros estados latinos, poderia gerar apoio interno para a RPC e ajudar a impulsionar ainda mais uma divisão entre os EUA e a região, especialmente no domínio da política externa. A Argentina é reconhecida como o estado mais fácil do mundo para se tornar um cidadão naturalizado, não tendo testes ou requisitos de idioma e exigindo apenas um período de residência de dois anos.⁶⁶ Além disso, a Argentina reconhece a dupla cidadania e todos os cidadãos naturalizados maiores de 18 anos têm o direito e a responsabilidade, obrigatórios por lei, de votar. Com uma população chinesa em constante crescimento, a política interna pode eventualmente ser afetada internamente pelos cidadãos que apoiam a RPC. Como a Argentina é claramente um dos estados mais influentes e poderosos da América Latina, sua posição sobre futuros conflitos geopolíticos é notório e provavelmente pode afetar as posições de outros estados da região.

A Argentina demonstrou que está muito mais em sincronia com a RPC do que os EUA gostariam, ampliada por sua desejada entrada no bloco dos BRICS e sua integração anterior na BRI. Embora os EUA mantenham atualmente uma relação bilateral com a Argentina, beneficiando-se especialmente de uma relação comercial, fica cada vez mais claro que a esfera de influência da RPC não só permeou a América Latina como começou a envolvê-la plenamente. Expandir a influência hegemônica no Hemisfério Ocidental é um passo importante para cumprir o destino percebido pela RPC como potência mundial, em linha com sua estratégia de cem anos.⁶⁷

Relações em evolução: O futuro para os EUA, a Argentina e o Hemisfério Ocidental

O DoD agirá com urgência para sustentar e fortalecer a dissuasão, com a República Popular da China (RPC) como nosso concorrente estratégico mais consequente e o desafio em andamento para o Departamento.

- A Casa Branca, 2022 NDS⁶⁸

Os EUA e a Argentina estão politicamente envolvidos desde 1823, poucos anos depois de a Argentina ter conquistado a sua independência da Espanha. Desde então, os dois estados mantêm relações diplomáticas e comerciais duradouras, geralmente com uma perspectiva positiva, exceto pelas tentativas intervencionistas de reduzir a posição de Perón e as ações dos EUA na Guerra das Malvinas, durante as quais as relações foram tensas. No entanto, nunca houve um período, especialmente desde a introdução da Doutrina Monroe e o reforço do Corolário Roosevelt, em que tal contenciosa influência extra hemisférica tenha ameaçado criar uma divisão entre os dois. É incerto como a influência da RPC irá degradar esta relação, seja por meio do aumento de tarifas, degradação diplomática ou outras ações desconhecidas.

Nesse ínterim, começam a aparecer rachaduras nas relações EUA-Argentina. Os esforços para resolver a crise em curso na Venezuela oferecem um estudo de caso desses pontos de fratura. A ação dos EUA com o Grupo de Lima, um grupo internacional de estados latino-americanos criado para restabelecer a democracia na Venezuela, bem como o apoio público ao presidente interino da Venezuela, aumentaram as tensões com a Argentina nos últimos anos. A Argentina posteriormente retirou sua participação do Grupo de Lima a partir de março de 2021, sendo a primeira a se afastar da agência intergovernamental.⁶⁹ É pungente reconhecer que sua saída foi rapidamente seguida pelo México, Santa Lúcia e Bolívia, com o Peru pretendendo deixar o grupo, mas parando devido a uma mudança na administração; demonstrando ainda mais a influência política da Argentina na região.

Embora a posição entre os EUA e a RPC não deva ser vista como um jogo de soma zero, e os EUA estejam muito além dessas políticas de contenção da era da Guerra Fria, deve ser inquietante para os tomadores de decisão dos EUA ver a insidiosa divisão de valores que está sendo criada entre os EUA e potências latino-americanas como a Argentina. Essa discórdia, embora pequena quando isolada, é preocupante como um todo e deve preocupar os estrategistas dos EUA. Independentemente de não ser um jogo de soma zero, os economistas começam a prever uma tendência de uma dicotomia “nós contra eles”, em que os futuros acordos comerciais serão com a RPC ou com os EUA, mas provavelmente não ambos.⁷⁰ A cultura política dos EUA opera em incrementos de dois e quatro anos, à medida

que os governos mudam e novos representantes são eleitos. No entanto, a RPC traçou uma estratégia centenária e duradoura para ganhar proeminência. Como tal, os EUA tendem a estar atrás da curva do poder, uma vez que os políticos transitórios devem gastar tempo para estabelecer as suas agendas e aprender a sua posição antes de promulgarem mudanças ou políticas. Os EUA devem abraçar um processo de planeamento a mais longo prazo, semelhante aos esforços persistentes contra a URSS que transcenderam as presidências da Guerra Fria ou à recém-introduzida “Estratégia de Longo Prazo dos EUA” para a redução das emissões até 2050, se esperam competir com a RPC nos próximos anos e ultrapassar as limitações do ciclo eleitoral.⁷¹

A América Latina decidirá quem controla o Hemisfério Ocidental, e os EUA e a RPC estão competindo sobre quais conjuntos de regras governarão essa metade do mundo. A Argentina é parte integrante dessa luta. Embora não esteja claro o que exatamente virá da inserção da RPC nos assuntos da América Latina, é muito claro que o ônus recai sobre os EUA para criar estratégias e evitar a perda da América Latina antes que não seja mais possível recuperar essa posição – a Argentina deve ser uma peça crucial nesse cálculo.

É muito revelador que os EUA estejam atrasados em sua abordagem da América Latina ao examinar o mais recente NSS e perceber que não há nenhuma seção dedicada a enfrentar estrategicamente os interesses da RPC na América Latina, e apenas uma referência à intenção dos EUA de “proteger [o Hemisfério Ocidental] contra interferência externa ou coerção (...) da RPC.”⁷² Embora essa referência possa parecer suficiente, seria benéfico para o NSS dedicar atenção específica ao Hemisfério e fornecer orientação especializada relacionada à região, afinal, as linhas de esforço para enfrentar a RPC em outros lugares provavelmente são diferentes daquelas que seriam e deveriam ser empregadas na América Latina. A estratégia dos EUA precisa corresponder à mudança de paradigma que ocorreu agora após a saída do Oriente Médio e a transição não está acontecendo rápido o suficiente. Todas as outras referências do NSS ao Hemisfério Ocidental diziam respeito a necessidades humanitárias ou democratização. No seu discurso ao Congresso em março de 2022, o SOUTHCOM afirmou que “A RPC continua a... expandir... influência [na América Latina] e desafia a influência dos EUA” e que “sem investimentos modestos contínuos (...) a influência da RPC... poderia em breve se assemelhar à... influência predatória [vista] na África.”⁷³ Apesar deste apelo apaixonado por ação, o NSS carece de direção em relação à América Latina, demonstrando mais uma vez que os EUA estão atrás da curva de poder ao lidar com as ações da RPC na região. A visão do SOUTHCOM é “garantir que o Hemisfério Ocidental seja seguro, livre e próspero”, mas quando a orientação do NSS é ambígua ou não está presente, é difícil ver o plano estratégico que os EUA têm em vigor para realizar essa visão.⁷⁴

Um plano de ação para limitar a influência da China sobre a Argentina e, portanto, sobre a América Latina, é continuar a manter fortes vínculos de educação militar com seus oficiais e alistados. Enquanto os cidadãos e os militares ainda têm uma relação um tanto tênue na Argentina (feridas residuais de décadas de golpes e juntas e, mais recentemente, a Guerra Suja das décadas de 1970 e 1980, com uma pesquisa de 2017 mostrando que apenas cinquenta por cento da população tinha confiança nos militares⁷⁵), o complexo político-militar está em uma posição muito mais forte, com chefes de estado, desde o Presidente Carlos Menem em 1991, procurando retificar os sentimentos negativos por meio da concessão de indultos e da reintegração dos líderes militares no processo político e na discussão.⁷⁶ Independentemente dos sentimentos populares, a liderança civil senior na Argentina ainda é influenciada por líderes militares e, portanto, vale a pena para os EUA estarem envolvidos na educação profissional das futuras gerações desses militares. A Academia da Força Aérea dos EUA (USAFA) tem feito isso até certo ponto, organizando a Semana Internacional anualmente, onde convida cadetes militares profissionais de todo o mundo para uma semana de camaradagem, cooperação internacional e construção de relacionamentos, com cadetes argentinos participando com frequência.⁷⁷ No entanto, a RPC está tomando medidas idênticas, convidando cadetes argentinos para a sua Semana Internacional de Cadetes, nos últimos oito anos, na Universidade de Ciência e Tecnologia do PLA.⁷⁸ Além disso, em novembro de 2021, o Ministério da Defesa Nacional da RPC declarou publicamente que pretende realizar mais exercícios conjuntos com a Argentina e pretende “expandir a cooperação em intercâmbios de alto nível [e] treinamento de pessoal (...) para levar a relação entre as duas forças armadas a um novo nível.”⁷⁹ Assim, os EUA devem tomar medidas adicionais para ampliar a cooperação militar e as oportunidades de educação profissional para a Argentina, se quiserem usurpar a posição favorável que a RPC tem fomentado.

A USAFA também deve expandir ainda mais os laços com a Argentina por meio de seu programa internacional de cadetes, onde um cadete estrangeiro frequenta a Academia desde o treinamento básico até a graduação e recebe educação militar formal dentro dos EUA. Entre 2013 e 2022, a USAFA recebeu cento e trinta cadetes graduados internacionais, onze dos quais de estados latino-americanos, apenas oito por cento, e nenhum da Argentina.⁸⁰ A Academia não só deve corrigir isso convidando a Argentina para participar do programa, levando cadetes da Escuela de Aviación Militar (Escola de Aviação Militar), mas também deve aumentar o número de cadetes participantes da América Latina em geral, como forma de gerar cooperação e entendimento militar. Isto servirá apenas para expandir a influência e as práticas dos EUA e incutir confiança mútua.⁸¹ Além disso, os EUA devem continuar promovendo acordos comerciais de material

militar, como a venda de vinte e quatro aeronaves de treinamento Beechcraft T-6 Texan II em 2018, e procurar intermediar novos acordos com a Argentina para solidificar as ligações mútuas.⁸² Se os EUA não fornecerem vendas de material como estes, é muito provável que a RPC o faça.

Como abordado neste artigo, há várias questões relacionadas à crescente relação sino-argentina que os EUA devem levar em consideração. Existem várias ações que os EUA devem tomar para separar a Argentina da RPC ou fortalecer a relação EUA-Argentina. O capital da RPC é um dos mais fortes disponíveis sobre a Argentina, portanto, oferecer empréstimos menos restritivos e pressionar o FMI a fazer o mesmo poderia ajudar a evitar mais endividamento argentino com a RPC. Como discutido anteriormente, cabe aos EUA integrar-se com os militares argentinos, realizando mais exercícios conjuntos, oferecendo educação militar profissional e gerando pactos de defesa, além de continuar fazendo com que a Argentina compre material militar para construir uma dependência de defesa entre os dois estados. A RPC é mestre em propaganda e, como tal, os EUA devem procurar dissipar a desinformação, bem como fornecer as suas próprias campanhas de informação ressaltando as desvantagens da aliança com a RPC, sejam elas militares, políticas ou econômicas. Finalmente, os EUA devem trabalhar com o Reino Unido para reexaminar a questão da soberania das Falklands/Malvinas, especialmente porque este ponto tem historicamente prejudicado a relação entre os EUA e a Argentina, e mediar uma solução entre o Reino Unido e a Argentina. Ser o agente para intermediar uma solução amigável ajudaria muito a gerar boa vontade em relação aos EUA na Argentina.

Embora a RPC seja uma ameaça para a qual os EUA deveriam estar se preparando e elaborando estratégias, é necessário analisar quais danos podem ser causados pela influência da China no Hemisfério Ocidental e não apenas na região do Indo-Pacífico. Trata-se de uma flagrante lacuna na percepção da importância da ameaça pelos EUA, que tem de ser resolvida o mais rapidamente possível. O simples fato de a RPC estar geograficamente separada da América Latina não significa que não possa fazer uso e tornar-se um importante ator nessa região. Embora a situação seja menos do que desejável para a posição dos EUA na América Latina, não é irremediável. No entanto, exigirá um planejamento estratégico específico, uma intervenção precoce e prevenção, em vez de uma tomada de decisões reacionária. Quanto mais tempo os EUA esperarem para agir, menos provável será a viabilidade de uma solução proativa. □

Não pode haver dois sóis no céu,
nem dois imperadores na terra.

- Confúcius⁸³

Notas

1. O Gabinete de Informação do Conselho de Estado da República Popular da China, “Citações do discurso do Presidente Xi no Congresso Peruano,” *Agência de Notícias Xinhua*, (23 de novembro de 2016), <http://www.scio.gov.cn/m/32618/Document/1520362/1520362.htm>.
2. Adrian H. Hearn e José Luis León-Manríquez, eds., *A China Envolve a América Latina: Traçando a Trajetória* (Boulder, CO: Lynne Reinner Publishers, Inc., 2011), 257.
3. Burcu Baykurt e Victoria De Grazia, eds., *Internacionalismo do Soft-Power: Competindo pela Influência Cultural na Ordem Global do Século XXI* (Nova York, NY: Imprensa da Universidade de Columbia, 2021), 19-20.
4. R. Evan Ellis, *A dimensão estratégica do envolvimento chinês com a América Latina* (Washington DC: William J. Perry Centro de Estudos de Defesa Hemisféricos, 2013), 34-35.
5. Javier Santiso, ed., *A mão visível da China na América Latina* (Paris, França: Organisation for Economic Co-Operation and Development Publishing, 2007), 37.
6. R. Evan Ellis, *Implicações do envolvimento chinês na América Latina para a segurança nacional dos EUA* (Carlisle, PA: Instituto de Estudos Estratégicos da Escola Superior de Guerra do Exército, 2005), 2.
7. Claudio Belini, “Exportações industriais e políticas econômicas peronistas na Argentina pós-guerra,” *Revista de Estudos Latino-Americanos*, 44, no. 2, (Maio de 2012), 289.
8. Belini, “Industrial Exports and Peronist Economic Policies in Post-War Argentina;” Economic Commission for Latin America and the Caribbean, “Latin America and the World Economy: The Capacity to Import,” *United Nations Economic Survey of Latin America*, (1957), 65-66, 72.
9. Santiso, ed., *The Visible Hand of China in Latin America*.
10. Adrian H. Hearn e José Luis León-Manríquez, 94-95.
11. Diana Roy, “A crescente influência da China na América Latina,” *Conselho das Relações Exteriores*, (12 de abril de 2022), <http://www.cfr.org/background/china-influence-latin-america-argentina-brazil-venezuela-security-energy-bri>” \h.
12. Teresa Romero, “Produto interno bruto (PIB) na América Latina e Caribe em 2021, por país,” *Statista*, (17 de outubro de 2022), GFP Regions, “Latin American Military Powers Ranked (2022),” *Global Fire Power*, (2022), <https://www.globalfirepower.com/countries-listing-latin-america.php>.
13. Georg Maier, “A disputa fronteiriça entre o Equador e o Peru,” *Revista Americana de Direito Internacional*, 63, no. 1, (Janeiro de 1969), 43.
14. *Departamento de Direito Internacional*, “B-29: Tratado Interamericano de Assistência Recíproca (Tratado do Rio de 1947),” *OEA*, (2022), <http://www.oas.org/juridico/english/sigs/b-29.html>.
15. “Resumo do Comércio do Chile, 2007,” *Solução de Comércio Integrado Mundial*, (27 de outubro de 2022), <https://wits.worldbank.org/CountryProfile/en/Country/CHL/Year/2007/SummaryText>; “Resumo do Comércio Brasil, 2009,” *Solução de Comércio Integrado Mundial*, (27 de outubro de 2022), <https://wits.worldbank.org/CountryProfile/en/Country/BRA/Year/2009/SummaryText>; “Resumo do Comércio da Argentina, 2013,” *Solução de Comércio Integrado Mundial*, (27 de outubro de 2022), <https://wits.worldbank.org/CountryProfile/en/Country/ARG/Year/2013/SummaryText>.
16. Diana Roy, “A crescente influência da China na América Latina,” *Conselho das Relações Exteriores*, (12 de abril de 2022).

17. Política, “Se fosse argentino, seria um peronista’, disse Alberto Fernández a Xi Jinping na China,” *La Nación*, (6 de fevereiro de 2022), <https://www.lanacion.com.ar/politica/si-usted-fuera-argentino-seria-peronista-le-dijo-alberto-fernandez-a-xi-jinping-en-china-nid06022022/>.

18. Rostam J. Neuwirth, Alexandr Svetlicinii, e Denis De Castro Halis, eds., *Guia dos Advogados BRICS para a Cooperação Global*, (Nova York, NY: Imprensa da Universidade de Cambridge, 2017), 258.

19. Secretário de Defesa dos EUA, “icha Informativa: Estratégia Nacional de Defesa 2022,” *Departamento de Defesa dos EUA*, (Março de 2022), <https://media.defense.gov/2022/Mar/28/2002964702/-1/-1/1/NDS-FACT-SHEET.PDF>.

20. Secretário de Defesa dos EUA, “Mantendo a liderança global dos EUA: Prioridades para a defesa do século 21,” *Arquivo NSS do Departamento de Defesa*, (Janeiro de 2012), https://nsscarchive.us/wp-content/uploads/2020/04/defense_strategic_guidance.pdf; Secretário de Defesa dos EUA, “Resumo da Estratégia Nacional de Defesa de 2018,” *Portal do Departamento de Defesa*, (2018), <https://dod.defense.gov/Portals/1/Documents/pubs/2018-National-Defense-Strategy-Summary.pdf>.

21. Presidente Joseph R. Biden, Jr., “Estratégia de Segurança Nacional,” *A Casa Branca, Washington*, (23 de outubro de 2022), <https://www.whitehouse.gov/wp-content/uploads/2022/10/Biden-Harris-Administrations-National-Security-Strategy-10.2022.pdf>.

22. Política, “Se você fosse argentino, seria peronista’, disse Alberto Fernández a Xi Jinping na China.”

23. Paul H. Lewis, “Perón era fascista? Um estudo sobre a natureza do fascismo,” *Jornal da Política*, 42, no. 1, (Fevereiro de 1980), p. 242, 251; Odd Arne Westad, *A Guerra Fria Global: Intervenções no Terceiro Mundo e a Criação dos Nossos Tempos*, (Nova York, NY: Imprensa da Universidade de Cambridge, 2007), p. 146; F. J. McLynn, “A ideologia do peronismo: A terceira via e a lei do meio excluído,” *Governo e oposição*, 19, no. 2, (Primavera de 1984), p. 193-194, <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/j.1477-7053.1984.tb01039.x>.

24. Agência de Notícias do Atlântico Sul, “Presidente argentino Fernández elogia Xi pela sua reeleição e “realizações impressionantes,” *MercoPress*, (25 de outubro 2022), <https://en.mercopress.com/2022/10/25/argentine-president-fernandez-praises-xi-on-his-reelection-and-impressive-achievements>.

25. Gabinete do Historiador, “Memorando n.º 988/74 elaborado na Agência Central de Informações,” Departamento de Estado, Relações Exteriores dos Estados Unidos, 1969–1976, Volume E–11, Parte 2, Documentos sobre a América do Sul, (2 de julho de 1974), <https://history.state.gov/historicaldocuments/frus1969-76ve11p2/d18>.

26. Patrick Gillespie, “Na Argentina, o legado de Perón é o que você precisa que seja,” *Bloomberg*, (9 de agosto de 2019), <https://www.bloomberg.com/news/features/2019-08-09/argentina-s-politics-are-still-dominated-by-peron>.

27. Política, “Se fosse argentino, seria peronista”, disse Alberto Fernández a Xi Jinping, na China.”

28. Política, “Si usted fuera argentino, sería peronista’, le dijo Alberto Fernández a Xi Jinping en China.”

29. Guias Comerciais por País, “Argentina – Guia Comercial do País,” *Departamento de Comércio – Administração de Comércio Internacional*, (4 de agosto de 2022), <https://www.trade.gov/country-commercial-guides/argentina-trade-agreements>.

30. Tomasz Kamusella, “Como a China combinou autoritarismo com capitalismo para criar um novo comunismo,” *The Conversation*, (26 de outubro de 2021), <https://theconversation.com/how-china-combined-authoritarianism-with-capitalism-to-create-a-new-communism-167586>.
31. Evan Ellis, *A dimensão estratégica do envolvimento chinês com a América Latina*.
32. Ramón Álvarez, “Evita e seus descamisados (Evita and her shirtless,” *La Vanguardia*, (25 de setembro de 2020), <https://www.lavanguardia.com/historiayvida/20200925/33486/evita-descamisados.html>.
33. Rubén Laufer, “Argentina,” *Mapa Popular da China Global*, (23 de fevereiro de 2022), <https://thepeoplesmap.net/country/argentina/>.
34. He Li, *Relações Econômicas Sino-Latino-Americanas*, (Nova York, NY: Praeger Publishers, 1991), 45.
35. Osaru Omosigho, “CRelação da China com a Argentina vai muito além da disputa Falklands/Malvinas,” *The Diplomat*, (25 de fevereiro de 2022), <https://thediplomat.com/2022/02/chinas-relationship-with-argentina-goes-far-beyond-the-falklands-malvinas-dispute/>.
36. McLynn, “The Ideology of Peronism: The Third Way and the Law of the Excluded Middle”.
37. Xinhua, “Texto Integral: O PCC: Sua Missão e Contribuições,” *XinhuaNet*, (26 de agosto de 2021), http://www.news.cn/english/2021-08/26/c_1310149600.htm.
38. Eduardo Singerman, “O legado de Perón: Inflação na Argentina, uma fraude institucionalizada,” *Forbes*, (30 de janeiro de 2015), <https://www.forbes.com/sites/realspin/2015/01/30/perons-legacy-inflation-in-argentina-and-an-institutionalized-fraud/?sh=4cf99a255c77>.
39. Katharina Buchholz, “Os países que mais sofreram com anos de recessão,” *Statista*, (1 de julho de 2021), <https://www.statista.com/chart/19301/countries-with-most-years-in-recession/>.
40. Ariel González Levaggi, “A adesão da Argentina à China deve ser um alerta,” *Revista de Política Externa*, (23 de maio de 2022), <https://foreignpolicy.com/2022/05/23/argentina-china-us-imf-bri-debt-economy-summit-americas/>.
41. Laura Gozzi, “Inflação na Argentina ultrapassa a marca de 100%,” *BBC News*, (15 de março de 2023), <https://www.bbc.com/news/world-latin-america-64960385>.
42. Serviço de Pesquisa do Congresso, “Compromisso da China com a América Latina e o Caribe,” *IN FOCUS*, (23 de junho de 2023), 2, <https://sgp.fas.org/crs/row/IF10982.pdf>.
43. Tara Hariharan et al., “What will Argentina gain from more Chinese investment?” *The Dialogue: Latin American Advisor*, (24 Feb 2022), <https://www.thedialogue.org/analysis/what-will-argentina-gain-from-more-chinese-investment/>.
44. Economia Comercial, “Exportações da Argentina por país,” *Economia Comercial*, (2022), <https://tradingeconomics.com/argentina/exports-by-country>.
45. Trading Economics, “Argentina Exports by Country”.
46. González Levaggi, “Argentina’s Embrace of China Should Be a Wake-Up Call”.
47. González Levaggi, “Argentina’s Embrace of China Should Be a Wake-Up Call”.
48. Diana Roy, “Argentina: Uma potência sul-americana luta pela estabilidade,” *Conselho das Relações Exteriores*, (7 de fevereiro de 2022), <https://www.cfr.org/backgroundunder/argentina-south-american-power-struggles-stability>.
49. Presidente Joseph R. Biden, Jr., “Estratégia de Segurança Nacional,” (23 de outubro de 2022), 2.
50. Evan Ellis, *A dimensão estratégica do envolvimento chinês com a América Latina*.
51. Evan Ellis, *A dimensão estratégica do envolvimento chinês com a América Latina*.

52. Secretariado-Geral, “Benefícios da parceria com a OEA,” *Departamento de Relações Exteriores e Institucionais, OEA*, (2022), https://www.oas.org/en/ser/dia/perm_observers/benefits.asp.

53. Maud Descamps, “A Rota da Seda no Gelo: A China é um ‘Estado Quase Ártico,’” *Instituto de Segurança e Política de Desenvolvimento*, (Fevereiro de 2019), <https://isdp.eu/publication/the-ice-silk-road-is-china-a-near-arctic-state/>.

54. Diana Roy, “A crescente influência da China na América Latina,” *Conselho das Relações Exteriores*, (12 de abril de 2022).

55. Agência de Notícias do Atlântico Sul, “A Argentina e a China compartilham o conceito de ‘integridade territorial’. Viagem de Pelosi a Taiwan é ‘uma provocação’, disse embaixador argentino em Pequim,” *Mercopress*, (8 de agosto de 2022), <https://en.mercopress.com/2022/08/08/argentina-and-china-share-territorial-integrity-concept.-pelosi-s-trip-to-taiwan-a-provocation-argentine-ambassador-in-beijing>.

56. Robert Fo, “Arquivos da CIA revelam como os EUA ajudaram a Grã-Bretanha a retomar as Malvinas,” *Evening Standard*, (4 de abril de 2022), <https://www.standard.co.uk/news/world/cia-files-reveal-how-us-helped-britain-retake-the-falklands-7618420.html>.

57. Secretariado-Geral, “Quinquagésima Primeira Sessão Ordinária da Assembléia Geral-Cidade da Guatemala, Guatemala (Virtual),” *OEA*, (10-12 de novembro de 2021), <https://www.oas.org/en/council/AG/regular/51RGA/>.

58. Osaru Omosigho, “Relação da China com a Argentina vai muito além da disputa Falklands/Malvinas,” *The Diplomat*, (25 de fevereiro de 2022), <https://thediplomat.com/2022/02/chinas-relationship-with-argentina-goes-far-beyond-the-falklands-malvinas-dispute/>.

59. Diana Roy, “A crescente influência da China na América Latina,” *Conselho das Relações Exteriores*, (12 de abril de 2022).

60. CAPT Frank Okata, USN, Para combater a China na América Latina, foco na Argentina,” *Instituto Naval dos EUA*, (Agosto de 2022), <https://www.usni.org/magazines/proceedings/2022/august/counter-china-latin-america-focus-argentina>.

61. Carlos Alberto Zúniga-González, ed., “O setor da pesca e da aquicultura na América Latina: Exportações para a Ásia Oriental e produção,” *Biblioteca Nacional de Medicina*, (26 de julho de 2022), <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC9321368/#:~:text=Fishing%20is%20the%20most%20common,most%20important%20traded%20food%20products>.

62. Zúniga-González, ed., “The fisheries and aquaculture sector.”

63. R. Evan Ellis, *Implicações do envolvimento chinês na América Latina para a segurança nacional dos EUA*, (2005).

64. Observatório Parlamentar, “A comunidade chinesa na América Latina,” *Biblioteca do Congresso Nacional do Chile*, (11 de novembro de 2008), <https://www.bcn.cl/observatorio/asiapacifico/noticias/chinese-community-latin-america>.

65. Juan Pablo Cardenal, “Navegando na mudança política na Argentina,” (Washington DC: Fundo Nacional para a Democracia, 2017), 37, <https://www.ned.org/wp-content/uploads/2017/12/Chapter1-Sharp-Power-Rising-Authoritarian-Influence-China-Latin-America.pdf>.

66. Alastair Johnson, “Como obter a cidadania argentina – o guia completo de 2022,” *Onde posso morar*, (10 de novembro de 2020), <https://wherecani.live/blog/view/argentina-citizenship-and-passport/>.

67. Michael Pillsbury, *A Maratona dos Cem Anos - A Estratégia Secreta da China para Substituir a América como Superpotência Global*, (Nova York, NY: Henry Holt and Company, 2015), 29-30.

68. Presidente Joseph R. Biden, Jr., “Estratégia de Segurança Nacional,” (23 de outubro de 2022), 20.

69. Reuters Staff, “A Argentina deixa o Grupo de Lima, diz que políticas do bloco na Venezuela “não levaram a nada,” *Reuters*, (24 de março de 2021), <https://www.reuters.com/article/us-argentina-limagroup/argentina-leaves-lima-group-says-blocs-venezuela-policies-have-led-to-nothing-idUSKBN2BG2VA>.

70. Hariharan, et al., “What will Argentina gain from more Chinese investment?”

71. John Kerry e Gina McCarthy, “A estratégia de longo prazo dos Estados Unidos: Caminhos para emissões líquidas zero de gases de efeito estufa até 2050,” *Departamento de Estado dos Estados Unidos e Gabinete Executivo do Presidente dos Estados Unidos*, (Novembro de 2021), <https://www.whitehouse.gov/wp-content/uploads/2021/10/US-Long-Term-Strategy.pdf>.

72. Presidente Joseph R. Biden, Jr., “Estratégia de Segurança Nacional,” 41.

73. Gen Laura J. Richardson, USA, “Declaração de Postura do SOUTHCOM,” *Portal SOUTHCOM*, (8 de março de 2022), https://www.southcom.mil/Portals/7/Documents/Posture%20Statements/SOUTHCOM%20Posture%20Final%202022.pdf?ver=tkjkieaC2RQMhk5L9cM_3Q%3d%3d.

74. Comando Sul dos EUA, “Quem somos,” *Comando Sul dos EUA*, (2022), <https://www.southcom.mil/About/#:~:text=Our%20Mission,homeand%20and%20our%20national%20interests>.

75. Sebastián Vargas, “O legado sombrio da ditadura,” *Desenvolvimento e Cooperação*, (3 de outubro de 2018), <https://www.dandc.eu/>.

76. Vargas, “O legado sombrio da ditadura.”

77. Ray Bowden, “Fortalecendo Alianças: Cadetes da Nação Parceira Anfitriã da Academia da Força Aérea Durante a Semana Internacional,” *Academia da Força Aérea dos Estados Unidos*, (29 de outubro de 2019), <https://www.usafa.edu/strengthening-alliances-af-academy-hosts-partner-nation-cadets-during-international-week/>.

78. ChinaMil, “5ª Semana Internacional de Cadetes apresentada na Universidade de Ciência e Tecnologia do PLA,” *China Military Online*, (4 de novembro de 2013), <http://en.people.cn/90786/8445306.html>.

79. Huang Panyue, ed., “Coletiva de Imprensa do Ministério da Defesa Nacional em 28 de outubro,” *Ministério da Defesa Nacional*, (4 de novembro de 2021), http://eng.mod.gov.cn/focus/2021-11/04/content_4898323.htm.

80. Site da Turma, “Turma de 2013 - Dados importantes,” *Associação de Graduados: Academia da Força Aérea dos Estados Unidos*, (2022), <https://www2.usafa.org/ClassData/Index/2013>.

81. Okata, “To Counter China in Latin America, Focus on Argentina.”

82. Benjamin Gedan e Kathy Lui, “À medida que se reaproxima do mundo, a Argentina vai reconstruir suas Forças Armadas para retomar seu papel histórico global?,” *Wilson Center - Relações Internacionais*, (14 de maio de 2018), <https://www.wilsoncenter.org/article/it-reengages-the-world-will-argentina-rebuild-its-military-to-resume-its-historic-global>.

83. Pillsbury, *The Hundred-Year Marathon - China's Secret Strategy to Replace America as the Global Superpower*.



Capitão Jeremy Cook, USAF

O Capitão Cook é Oficial de Apoio da Força e atualmente Diretor A1 da 353ª Ala de Operações Especiais, Kadena AB, Okinawa, Japão, onde atua como conselheiro para o apoio de Mão de Obra, Pessoal e Serviços para a única Ala de Operações Especiais da USAF no INDOPACOM. Antes desta designação, o Capitão Cook serviu como Comandante de Seção para o 18º Esquadrão de Manutenção de Componentes em Kadena e Comandante de Voo de Serviços de Sustentação para o 47º Esquadrão de Apoio da Força em Laughlin AFB, Texas. O capitão Cook concluiu a Academia da Força Aérea em 2017, obtendo um bacharelado em Ciências Políticas com especialização em espanhol. Obteve seu mestrado em História pela Universidade de Norwich em 2021, escrevendo sua tese sobre o peronismo na Argentina.